



SOBRE A MEMÓRIA E A HISTÓRIA DA INFÂNCIA DISCURSIVIZADA NO MUSEU

Adriana Cristina BERNARDIM (UNICENTRO)¹

Leandro TAFURI (UFPR)²

Maria Cleci VENTURINI (Unicentro/UFPR)³

Resumo: A memória estigmatizada na história dos horrores sofridos pela humanidade ressoa por seus efeitos nos museus e memoriais. É o que se busca compreender neste estudo a partir de análises de uma materialidade que está exposta no Museu do Holocausto de Curitiba (MHC) que discursiviza a infância. As análises dessa materialidade ancoram-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux no final dos anos sessenta. A questão a ser respondida é: Como por essa materialidade se constituem efeitos de sentidos de uma infância roubada pelos horrores da perseguição daqueles que se transformaram em vulneráveis? Com vistas a responder essa questão, mobilizamos noções que constituem redes em torno da memória, da história, destacando os lugares de memória.

Palavras-chave: Memória. História. Holocausto. Museu. Infância.

Abstract: The stigmatized memory in the history of the horrors suffered by humanity resonates through its effects in museums and memorials. This study seeks to understand this phenomenon through analyses of a materiality exhibited at the Holocaust Museum of Curitiba (MHC), which discourses about childhood. The analyses of this materiality are anchored in the theoretical and methodological assumptions of Discourse Analysis, founded by Michel Pêcheux in the late sixties. The question to be answered is: How do effects of meaning of a childhood stolen by the horrors of persecution, transforming individuals into vulnerable beings, emerge through this materiality? In order to address this question, we mobilize notions that form networks around memory and history, highlighting the places of memory.

Keywords: Memory. History. Holocaust. Museum. Childhood.

¹ Doutoranda em Letras, (PPGL – UNICENTRO - PR). E-mail: adrianabernardim@gmail.com

² Doutorando em Letras (PPGLET – UFPR). Docente do Colegiado de Pedagogia da UniGuairacá – Guarapuava/PR. E-mail: professortafuri@gmail.com.

³ Doutorado em Letras (UFSM), Docente do departamento de Letras e dos Programas de Pós-graduação da Unicentro e da UFPR. mariacl悸venturini@gmail.com.



1. Considerações iniciais

Os museus projetam futuros e nesse ‘projetar’ conjugam saberes que de diferentes ordens, em que o Museu do Holocausto – retoma o passado pelos testemunhos, as consequências desse passado no presente, construindo conhecimentos que possa funcionar em um devir. (VENTURINI, 2023, p. 244).

O Museu do Holocausto de Curitiba (doravante MHC) é o espaço discursivo, onde se encontra a materialidade pela qual ressoa a infância que se perdeu ou que foi roubada - a boneca, da década de 1930, doada por Zofia Burowska (Chorowicz) para o Museu Estadunidense Memorial do Holocausto. Por essa razão, a epígrafe com a qual iniciamos esse texto produz efeitos de sentido, entendendo que a boneca não é um objeto empírico e que significa pelas redes de memória que instaura. Por ela retorna o passado, especialmente, pelo testemunho, que nesse funcionamento são os discursos que dão a ver e a conhecer a materialidade e o que ressoa a partir dela como memória e em discursos que circularam antes em outros lugares. Uma réplica do objeto, que designamos de “objeto discursivo”, está no MHC, conjugando saberes de um dos acontecimentos mais trágicos do Séc. XX – o Holocausto.

Vale destacar de início que não se trata apenas de um objeto, mas de um texto, que encaminha para discursos em torno da infância de sujeitos vulneráveis, da intolerância, da desumanidade e do desejo de dominação, retornando, especialmente, o trauma e no encontro do sujeito sobrevivente com o *objeto do desejo* da infância na alegria do reencontro. Venturini (2009, p. 76), a partir de Lacan, discute as noções *objeto a* (causa do desejo) e *objeto do desejo* (o que desencadeia o desejo), colocando-as para funcionar, neste trabalho, em relação ao sujeito-objeto do discurso.

Assim, dizemos que uma pessoa ou acontecimento pode se constituir, ao mesmo tempo, como *objeto a* e como *objeto do desejo* com referência à emergência de completude, própria do sujeito sempre incompleto de uma formação social. Essa emergência, de acordo com a autora, é da ordem do inconsciente e do ideológico, que dá visibilidade e mantém a aparente regularidade da memória histórica, a qual, apesar das repetições e da aparente saturação, é lacunar. Essa é uma das razões pelas quais o discurso sempre pode ser outro.

Diante desse ‘trabalho’ da memória, a questão que nos mobiliza é “*Como por essa materialidade, se constituem efeitos de sentidos de uma infância roubada pelos horrores da perseguição daqueles que se transformaram em vulneráveis*”? Essa questão atende ao objetivo



de colocar em suspenso o processo discursivo em relação ao antissemitismo e aos fenômenos sócio-históricos que abarcam o Holocausto, no espaço/tempo da Segunda Guerra Mundial, demandando retornos e avanços temporais.

Com vistas a atender ao objetivo proposto, trazemos considerações teóricas em torno da história, da memória, da ideologia e seus funcionamentos discursivos, tratando, também das condições de produção acerca dos sujeitos judeus, durante o regime nazista, do genocídio naturalizado pela ideologia daquele período histórico que foi de 1933 a 1945. Consideramos a dimensão do impacto da guerra e, principalmente, da perseguição sofrida pelos judeus e outros povos ou comunidades.

Para ancorar o que dissemos, buscamos pesquisadores da história, da sociologia, da filosofia, da psicanálise, da economia, da geografia e de outras disciplinas demandadas pelo *corpus*. Assim, nosso trabalho de pesquisa tem como objetivo geral *analisar os efeitos de sentido que ressoam das memórias daqueles que eram crianças de origem judaica, um dos grupos étnicos-sociais perseguidos pelos nazistas como “raça indesejável”*, que compõe o acervo do MHC, que objetiva "Lembrar para não esquecer".

Sabemos que não foram apenas os judeus a serem perseguidos, os nazistas e seu projeto de extermínio, também ampliaram suas vítimas, abrangendo os ciganos, os negros, os estrangeiros, os imigrantes, os homossexuais, aumentando o rol de *personas non gratas* ao III Reich. Poderíamos ainda, classificar seus inimigos por gênero, raça, cor, classe social e descendência. Olhar o horror da guerra e da perseguição pelos olhos de uma criança, faz com que recortemos, do arquivo construído sobre a infância no MHC, a boneca lá exposta, como uma materialidade discursiva permeada pelo simbólico, por redes parafrásticas em que ressoa a tragédia da infância roubada e com ela, também os sonhos e a esperança.

2. A organização da discursividade e a história

A narrativa histórica coloca-se para além de todos os documentos, visto que nenhum deles pode ser o acontecimento; não é um documentário fotomontado e não faz ver o passado 'in directo' como se você tivesse lá estado' (VEYNE, 2008, p. 13)

O discurso da história não é o foco deste texto, entretanto, não há como tratar do universo simbólico sem se ancorar na anterioridade e no sentido. Assim, tomar um objeto discursivo sem a exterioridade, compromete a historicidade - já que, segundo Orlandi (2004, p.



58), "o dado tem sua organização, o fato se produz como objeto na ordem do discurso (linguístico-histórico)". A autora sustenta que "o texto não é um documento, mas um discurso [...] no movimento contínuo da descrição e interpretação - a memória". (idem)

Narrar os eventos históricos, principalmente, sobre a era posterior à Primeira Guerra Mundial até o colapso da União Soviética é muito difícil, tendo em vista os apagamentos, os não-ditos e os discursos subterrâneos. Além disso, conforme já temos destacado, a história é sempre uma versão, tendo em vista o horizonte de expectativa do historiador e a ideologia que o interpela. Os latino-americanos leem textualidades pelo filtro estadunidense e suas versões sobre esse período, o que interdita fontes substanciais como a dos historiadores russos, franceses, japoneses, italianos e alemães, enfim, dos países que viveram intensamente o momento ao qual nos referimos.

Segundo Le Goff (1990), a história é uma ciência social que investiga as relações entre os homens e as sociedades em diferentes épocas, com base em fontes documentais e métodos críticos, buscando uma interpretação objetiva e contextualizada dos fatos. Nessa direção, a história pode ser compreendida como uma narratividade que 'olha' para o passado, buscando interpretá-lo, identificando suas causas e consequências, suas transformações e permanências, suas crises e continuidades e o faz a partir de questões do presente. Assim, a história para o autor é uma disciplina que compreende o passado humano em toda a sua conjuntura, ancorando-se em fontes documentais e métodos críticos, instaurando efeitos de veracidade à narratividade, que contribuem muito para a compreensão do presente a partir do passado e que nos encaminha para o devir.

A interpretação da história em relação às temporalidades depende da posição sujeito do analista e de suas filiações ideológicas, tendo em conta as condições de produção, em sentido amplo, de acordo com Orlandi (2002), as condições sócio-históricas. Conforme nos indica a epígrafe, trazida de Veyne (2008), a história não pode prever o futuro com certeza absoluta, pois está além dos documentos e é impossível retornar ao passado. Além disso, as mudanças sociais e políticas são imprevisíveis e, muitas vezes, não seguem as tendências históricas, como quando aparece o "acaso", que tem um lugar natural no processo da história e não perturba as regularidades, uma vez que o acaso também faz parte do processo histórico e da sua inteligibilidade.

Na Análise de Discurso, a História funciona como trabalho de memória e ressoa como um efeito de sentido do luto, ou seja, pela noção moral de memória e de luto, possibilitando que



se tenha uma dimensão discursiva do conhecimento histórico, como contradição, a não unanimidade. O esquecimento é constitutivo tanto da memória quanto da história, instaurando uma ruptura, uma falha, pois se há discursos de lembrar, há também os de se esquecer. Os discursos de esquecer são materialidades para o silêncio (ORLANDI, 1997). Assim, o esquecimento faz parte do processo discursivo e é inevitável. O apagamento e/ou silenciamento não esgota as questões de memórias, que se constituem pela rememoração, como discurso *de* (VENTURINI, 2009) constituindo como caminho para presentificar as memórias perdidas. Nesse funcionamento, lembramos da estrela de Davi, pregada nas roupas dos judeus, funcionam como memórias costuradas na história e nunca deixarão de estar lá. Segundo Silva e Schurster (2016, p. 769), Todorov já nos alertava sobre o compromisso da História sobre o ensino da Shoah, entendendo de sua necessidade:

[...] é o ensino de História de traumas coletivos: os acontecimentos representados nos materiais de ensino pertencem ao passado, passado esse que o historiador manipula de diversas formas e com diversos objetivos. Contudo, sua sobrevivência está diretamente ligada à memória e ela não pode e nem deve, obrigatoriamente, ser entendida como algo bom ou positivo. (SILVA e SCHURSTER, 2016, p. 769).

Quando a memória fica estagnada, a tendência é de que essa cristalização esconda lacunas que permitem subjetividades, podendo, nesse funcionamento, retornar memórias do passado e a Shoah está contida nesse imbróglio. Antes de transformar um fato como os que sobrevivem de eventos traumáticos e coletivos numa memória escrita ou num testemunho, convém aprofundar-se o mais possível, a fim de que tal memória, possa ser interpretada como *própria* da condição humana, assim como na/pela língua nos efeitos que ressoam, condição do objeto discursivo.

Debruçar-se sobre o tema da memória na história e vice-versa, coloca-nos como sujeitos de resistência. Nesse sentido, Pierre Nora (1993) destacou a memória como um processo que determina o que é lembrado e o que é esquecido ao longo do tempo, e esclarece-nos, que a memória é construto fundamental para a identidade nacional. Segundo o autor, a memória historicizada desencadeia novas funções de memória que vão se alterando de acordo com o contexto de cada cultura, oral ou escrita, camponesa, artesanal ou industrial. Portanto a memória não é imutável, mas a expressão de uma relação com a temporalidade humana, um relacionamento com as próprias historicidades.



Michel Pêcheux (1999), na *Análise de Discurso*, destaca a memória discursiva, como processo que se dá entre o acontecimento histórico e o dispositivo complexo de uma memória, destacando a relação entre o visível e o nomeado, como uma imagem-dispositivo, que comporta uma discursividade constituída por redes. Indursky (2011, p. 68, destaques da autora) traz Pêcheux e Fucks ((1975 [1990])), os quais assinam um texto sobre o sentido e "*a partir de relações de parafraseagem*", sinalizando que "as diferentes expressões, palavras e enunciados mantêm entre si, no interior de uma *matriz de sentido* que se organiza no âmbito de uma *formação discursiva* (FD)". Os autores entendem que estas relações consistem em uma operação em que umas retomam as outras".

Para Indursky (2011, p. 68), é importante frisar que "se a matriz de sentidos se institui através de um processo de *repetibilidade*, ela também coloca os limites dessa repetição". A afirmação da autora ancora-se na definição de formação discursiva, que determina "o que pode deve ser dito" (Pêcheux, 1997a, p. 160) asseverando a partir disso que na FD, "há sentidos que nela não podem ser produzidos" (idem). Na análise proposta, vamos considerar a formação discursiva da infância, de sujeitos-crianças, considerando o que se repete, buscando o que escapa. O efeito da repetição evidencia uma linha de conexão com a memória, uma vez que por meio dela constrói-se a própria materialidade discursiva, pela qual é possível recuperar os não-ditos. Pêcheux (1999, p. 52) afirma que "[...] a memória discursiva seria aquilo que, diante de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os 'implícitos' (mais tecnicamente, os pré-construídos, discursos-transversos, elementos citados ou relatados de que sua leitura necessita". Esse restabelecimento é a "condição do legível dentro do próprio legível" (idem).

A regularização da memória pode romper-se e instaurar o novo, tendo em vista ainda conforme Pêcheux (1999) que o acontecimento desloca e desregula os implícitos a um sistema de regularização anterior, havendo sempre um jogo de forças na memória, sob o choque do acontecimento. Dessa maneira, ao mesmo tempo que a repetição exerce um efeito material de assegurar o espaço da estabilidade, ela pode também provocar uma divisão da identidade material de determinado enunciado; quer dizer, sob o "mesmo" da materialidade, abre-se outra possibilidade de articulação discursiva: o jogo da metáfora. "Uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória se esburaca, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase." (1999, p. 53).



Esta divisão entre o mesmo e o diferente, entre a *paráfrase e a metáfora* (ORLANDI, 2015), é tratada por Pêcheux como efeito de opacidade, e marca o momento em que os implícitos não podem mais ser refeitos, a isso o autor chama de “imagem opaca e muda”, ou seja, uma memória que “perdeu” seu trajeto de leitura, até mesmo porque nunca chegou a tê-lo. A memória, para a Análise de Discurso, é necessariamente um “espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização” (1999, p. 56). Contrariamente à esfera plena, então, a memória se desdobra, comportando polêmicas, tensões, réplicas e contradiscursos; e só pode ser assim, pois ela carrega a marca do real histórico.

A memória como o que ressoa no eixo da formulação permite a leitura também dos não-ditos e a história, de acordo com Orlandi (2004, p. 46) há que se passar para a forma material e considerar que "a significa porque a história intervém, o que resulta em pensar que o sentido é uma relação determinada do sujeito com a história". Assim, a materialidade que tomamos como objeto de análise faz sentido no presente, tendo em conta os sujeitos e as condições de produção. Entretanto, nas condições de produção da Segunda Guerra Mundial, ela investe-se do simbólico a partir de uma criança que vive em situação de Guerra.

Desse modo, não nos interessa retomar as guerras, nem as razões do conflito, mas as perdas na infância e, nessa tomada de posição, a boneca discutiviza a infância que deixa de ser infância e, por isso, entendemos que ela é 'roubada', considerando-se a impossibilidade de vivê-la. Trata-se da historicidade - o trabalho dos sentidos no acontecimento como discurso (ORLANDI, 2004)

3. As Condições de Produção – A segunda guerra mundial e as crianças

As crianças de até doze anos, adolescentes e jovens, de acordo com Ariès (1986) foram significadas diferentemente em diferentes tempos e assim também a boneca, que faz parte da infância, também mudou em sua forma, começando por ser a boneca de pano, artesanal, como objeto simbólico que agrega afetividade e poesia. Nas condições sócio-históricas da Segunda Guerra e mais especificamente do Holocausto, as crianças perderam a infância, e a boneca na ordem do simbólico, é a própria infância, porque possibilita a construção de identidade e de inserção na cultura, podendo-se destacar a importância das formações imaginárias em relação à boneca, em que o sujeito-criança se vê no seu brinquedo e com ele se identifica.



Durante a Segunda Guerra Mundial, de acordo com a Enciclopédia do Holocausto⁴ 1,5 milhão de crianças foram assassinadas pelos grupos nazistas e colaboracionistas. Os sobreviventes, principalmente os judeus, iniciaram a dolorosa tarefa de buscar por seus familiares. Mães e pais buscavam filhos que haviam deixado sob os cuidados de conventos, orfanatos ou de famílias adotivas. Os comitês judaicos locais também tentavam avaliar o número de sobreviventes e de mortos. As operações organizadas pela Cruz Vermelha Internacional e por organizações humanitárias judaicas, levavam muito tempo para chegar a algum resultado satisfatório, uma vez que a fuga das pessoas, para lugares mais seguros, fez com que o processo ficasse ainda mais complicado. Abaixo colocamos um excerto do site do museu do holocausto em Washington, nos Estados Unidos, que retrata essa situação:

A busca pela família significava muito mais do que simplesmente o reencontro com familiares. Para muitas crianças, encontrar com seus pais e familiares também podia trazer a traumática descoberta de sua verdadeira identidade. As que ainda eram bebês quando foram deixadas aos cuidados de pessoas e instituições, não tinham quaisquer lembranças de seus pais biológicos e nem sabiam que eram judias; a única família que elas haviam conhecido era aquela com a qual haviam convivido durante os anos da Guerra. Consequentemente, quando os familiares ou organizações judaicas as encontravam, muitas delas ficavam descompensadas e resistiam às mudanças. À medida que áreas eram liberadas do domínio alemão, organizações judaicas rapidamente se moviam até os locais libertos para tentar localizar os sobreviventes e reunificar as famílias. (ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO)⁵.

Quando tinham sorte, os pais, ou algum membro da família, encontravam-nos com aqueles, sob cujos cuidados, os haviam deixado. Muitos, porém, tiveram que recorrer a serviços de busca, anúncios em jornais, e a registros de sobreviventes na esperança de encontrar seus filhos e até aos tribunais, como no trecho a seguir:

Em centenas de casos, as famílias adotivas se recusaram a devolver as crianças que haviam escondido para suas verdadeiras famílias ou para as organizações judaicas que as buscavam. Várias delas exigiram que a criança fosse "resgatada" em troca de uma compensação financeira.; outras haviam se apegado à criança e não queriam mais dela se separar. Nos casos mais difíceis, os tribunais tinham que decidir a quem conceder a custódia da criança. Algumas famílias adotivas desafiavam as decisões judiciais e voltavam a

⁴ Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/children-during-the-holocaust>

⁵ Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/hidden-children-quest-for-family>



Entretanto, na maioria das vezes, a busca pelos filhos terminava em tragédia, tal como a descoberta de que elas haviam morrido ou estavam desaparecidas, como no caso da garota Anne Frank, morta pela febre tifoide em Bergen-Belsen, um campo de concentração. Muitas crianças foram levadas para os diversos assentamentos judaicos pelo mundo, e o Brasil também foi um dos lugares escolhidos pelos grupos de ajuda e pelos próprios sobreviventes para fixarem residência e recomeçarem suas vidas. A maioria deles perdeu familiares, amigos, lar e pertences. Ceifados da sua segurança, amor e proteção, principalmente de sua inocência, esses sujeitos viram suas comunidades se desintegrarem e toda a estrutura social desaparecer.

Crianças que tinham mais de 12 anos eram usadas como escravas, mas apesar de sua vulnerabilidade, muitas crianças conseguiram meios de sobreviver roubando e trocando o produto de suas atividades por comida e medicamentos para levar para dentro dos guetos, como o de Lodz e Varsóvia por exemplo. Muitas dessas histórias nos chegam pelas palavras e até desenhos de crianças que tiveram a inteligência de registrar a barbárie em seus diários. Uma grande parte de crianças que sobreviveram ao Holocausto foram repetidamente expostas, durante seus anos mais formativos, a terríveis crueldades, como a solidão, tortura e fome.

4. O sujeito-criança representado no MHC – Um gesto de leitura sobre a “Boneca”

A materialidade, de acordo com Orlandi (2004, p. 46) "nos leva às fronteiras da língua e nos faz chegar à consideração da ordem simbólica, incluindo nela a história e a ideologia". A materialidade analisada é uma boneca, conforme destacado no início do texto. Ela está exposta e funcionando como corpo-memória e corpo- documento (VENTURINI, 2017) no MHC e constitui efeitos de sentidos sobre o sujeito *criança*, tanto na contemporaneidade quanto ao longo da história. O MHC funciona como lugar de memória, noção publicada na obra *Les Lieux de Mémoire*, organizada pelo historiador Pierre Nora, entre 1984 e 1992.

Venturini (2009, p. 66) a partir de Pierre Nora (1992) desloca esse conceito e o mobiliza, sinalizando que ele "ocorre pela inscrição do lugar na ordem do simbólico e faz retornar enunciados já-ditos, significados, mas esquecidos". Destaca, ainda, que o lugar de

⁶ Idem.



memória organiza os traços identitários, dando visibilidade à repetibilidade e mobiliza três tempos: o passado como rememoração e o presente como comemoração, que encaminha para o futuro. Assim, o que deveria funcionar como 'o lugar da estabilidade' transforma-se no lugar onde emerge o movimento" (VENTURINI, 2009, p. 68). Para explicar o funcionamento do lugar de memória, a autora destaca que "cada objeto cultural constitui-se de uma memória e relaciona outras memórias, formando uma rede de filiações que encaminham e sustentam os ritos comemorativos de uma formação social".

O Museu do Holocausto de Curitiba é, portanto, lugar de memória por transformar discursos, colocando-os em movimento e as materialidades que o estruturam constituem redes de memória e comportam discursos que vêm de outros lugares, retornando como pré-construindo, nos termos de Pêcheux (1997). É importante destacar, como fez Venturini (2009) que o lugar de memória regula a passagem de um tempo ao outro e funciona como um elo indizível que faz com que o passado se presentifique e o ausente seja presença. Nos lugares de memória, encontram-se os traços rememorativos, de modo que pela materialidade simbólica que a boneca representa, os vestígios rememorativos sustentam o que se entende por 'roubar a infância'. Isso porque a boneca faz parte da infância e na sociedade patriarcal dá visibilidade à mulher como a que cuida e protege, além de tudo, ela é uma forma de deleite. A boneca aparece como materialidade simbólica, como sendo corpo-memória e corpo-documento, entendendo-a a partir de Venturini (2017, p. 59) que o corpo-memória

[...] presentifica o 'ausente' pelo corpo-documento, inscrito na história, mas ressignificado no discurso, instituindo efeitos de realidade. Fazemos esta distinção para compreender como materialidades significantes constituídas por nomes, datas, espaços e acontecimentos adquirem forma material por meio de memórias que ressoam por arquivos que se movimentam em diferentes direções e dependem de sujeitos, de suas filiações ideológicas e dos atravessamentos ideológicos e do inconsciente que as diferencia e ao mesmo tempo as aproximam. (VENTURINI, 2017, p. 59)

Pelo corpo-memória constitui-se o efeito de legitimação sobre o espaço do museu e os objetos simbólicos que estão expostos se constituem em patrimônio, que sustenta seus sentidos para além da história e do patrimônio, que "representa a estabilidade de um objeto que guarda em "si" os vestígios de um passado e faz trabalhar o imaginário da formação social". Então, o acervo dos museus e memoriais produz movimentos de estabilização e de congelamento. O MHC funciona como esse lugar de memória, que "guarda" memórias, garantindo ao seu visitante a oportunidade de avaliar como foi um dos eventos mais cruéis da humanidade, pois se tais memórias e histórias não estivessem lá expostas, poderiam facilmente ser apagadas ou



silenciadas, acarretando o esquecimento da experiência da “Shoah”⁷ e concomitantemente, dos sujeitos (os judeus) que lhe dão uma existência inscrita no real da história. Enfim, o museu é um lugar institucional, que tem como objetivo maior mostrar uma versão da história e dos acontecimentos, portanto o que se mostra sempre em primeiro plano é um imaginário sobre o que se pretende expor.

Texto-memória 1 – Boneca encontrada no Gueto de Cracóvia e exposta numa caixa de vidro no MHC.



Fonte: Acervo do Museu do Holocausto.⁸

A boneca, produzida na década de 1930, foi um presente dado para Zofia Burowska por seus pais, antes do início da Segunda Guerra. Com o romper do conflito, Zofia e sua família foram deportados para o gueto de Wolbrum e Cracóvia, na Polônia ocupada. Em uma tentativa de proteger seus bens, tanto a boneca, quanto outros pertences da família foram deixados com amigos não-judeus, na esperança de serem recuperados após a guerra.

Como corpo-memória e corpo-documento Zofia, a menina que perdeu a boneca e foi deportada para um campo de trabalho forçado localizado perto da Cracóvia e depois para o campo de Skarzysko-Kamienna se constitui como presença na ausência dentro do museu (VENTURINI, 2017a). Mesmo tendo sido levada para o campo de concentração de Buchenwald, na Alemanha, de onde foi liberada e não tendo chegado a vir ao Brasil, ela está no museu como memória e como documento. É uma versão da sua história que é narrativizada no museu. Com o fim da guerra, Zofia retornou para a Polônia e conseguiu recuperar sua

⁷ O termo “Shoah” é utilizado para significar o genocídio judaico, durante a guerra na Europa nazista, pois, além de ser o mais empregado e aceito pela historiografia dessa época, é mais adequado em comparação ao termo “Holocausto”, que é uma expressão polêmica por conta de seu sentido religioso e sua significação originária, “sacrifício pelo fogo”, cunhado etimologicamente pelos gregos. Decorrente do hebreu antigo, Shoah significa “ruína”, “desolação”, “catástrofe” ou “calamidade”, e foi utilizado desde 1939 pela imprensa judaica para revelar o que estava acontecendo ao povo judeu nos “porões do nazismo”. Mas, “Holocausto” adquiriu um sentido histórico expresso por Shoah e por último tem sido mais utilizado, em especial pelo famoso documentário Shoah de Claude Lanzman, de 1985. Disponível em: <https://diversitas.ffch.usp.br/holocausto-e-antisemitismo>.

⁸ Disponível em: <https://www.museudoholocausto.org.br/memoria/acervo/>



boneca. A exposição permanente do MHC conta com uma réplica que foi elaborada a partir da aquisição de um exemplar da mesma marca (Armand Marseille. Germany. 390. A742M).

Essa materialidade pode ser definida como corpo-memória e como corpo-documento porque ela é um objeto simbólico constituindo-se por memórias e discursos outros.

Texto-memória 2 – Boneca original doada por Zofia para o Museu Estadunidense Memorial do Holocausto em Washington – USA.



Fonte: Enciclopédia do Holocausto.⁹

Em uma determinada parte do percurso, o visitante do MHC encontra uma vitrine com uma réplica da boneca de uma criança que sobreviveu ao gueto de Cracóvia. A materialidade constitui-se, enquanto monumento e patrimônio, de um áudio que narra essa história. O visitante ao transitar pela exposição, pode ouvir sons graves que retornam, pelo funcionamento do imaginário, a dramaticidade da condição em que se deu a separação da garota dos pais e de seu brinquedo favorito, a boneca. A materialidade discursiva associada a uma história real, reforça no visitante, uma empatia e ao mesmo tempo, um sentimento de impotência, há nisso uma contradição, pois discursiviza as informações de uma vida infantil, que passou pela brutalidade da separação de seus pais durante a guerra, mas também ressoa por assim dizer, a doçura da tenra idade na imagem da boneca, emocionando os visitantes.

O áudio entra em relação parafrástica com a boneca e constitui efeitos de sentidos de reminiscências e de afetividade, a ver pelos/nos olhos das mulheres do texto-imagem que analisamos em seguida. Os visitantes ocupam uma posição-sujeito antagônica, pois ressoa a presença-ausência da boneca antiga e, com ela, a aproximação com o passado. Pelo imaginário vemos a distância geográfica e temporal que estamos em relação ao Holocausto.

⁹ Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/artifact/doll-from-the-krakow-ghetto>.



Texto-memória 3 – Mulheres observam a réplica da boneca de Zofia Burowska, sobrevivente do Holocausto.



Fonte: Acervo do museu do Holocausto.¹⁰

A partir da pós-modernidade, a infância tornou-se interesse de historiadores (ARIÈS, 1986) e cientistas, ganhou lugar na literatura com personagens simbólicos, e trouxe discussões polêmicas sobre sua realidade. Historicamente, as crianças foram colocadas na mesma posição-sujeito que a dos escravos e mulheres e apenas recentemente é que a infância passou a ser vista como uma construção histórica (ARIÈS, 1986; SARMENTO; PINTO, 1997; SARMENTO, 2004). Segundo Sarmiento (2004), as crianças eram consideradas aprendizes, somente aspirantes a um futuro como participantes da sociedade. No mundo de hoje, nossas crianças aspiram e produzem tipos diferenciados de cultura: as culturas da infância. Mais recentemente, Sarmiento (2004, p. 21) ainda chama a atenção para a pós-modernidade que veio ampliar o status anterior. As crianças propõem novas identidades culturais e autônomas e o fazem de modo sistemático, por meio do relacionamento com pares e adultos, formando sua representação.

5. Efeitos de conclusão

A boneca de Zofia ressoa como resistência, pois mesmo replicada no processo de transformação histórica, permanece ativando as memórias e identidades socioculturais do povo judeu por meio da infância que lhes foram roubadas. No museu, ela atualiza as práticas discursivas de identificação que são continuamente reconstruídas no presente, ressoando novos gestos de leitura, os quais contribuem também para a ressignificação da Shoah. Nesse contexto

¹⁰ Disponível em: <https://www.museudoholocausto.org.br/memoria/acervo/>.



a boneca no MHC, ganha destaque, pois também ressoa afetividade e identidade. Ela é vetor de resistência e fortalecimento, uma vez que fica evidente a perspectiva de dar voz a um grupo historicamente desprezado, oprimido e violentado: as crianças.

O Estado nazifascista impôs ao povo perseguido a desintegração de suas famílias, Zofia foi uma dessas vítimas, separada de sua família, viveu tempos traumatizantes. A imagem da boneca é discurso e produz efeito de memória, ressoa uma historicidade pelo real da guerra. A Segunda Guerra Mundial e o Holocausto são o nosso funcionamento ideológico.

A garota Zofia, dona da boneca do MHC, é o sujeito desejante, pois é um sujeito estruturado pelo efeito de espelhamento, ela vê a boneca como objeto do desejo (o alvo do desejo= a mãe, a família) e objeto a (causa do desejo= a ausência da mãe, da família). O sujeito desejante, segundo Lacan (1985), estrutura-se pela falta e pela falha. Assim, compreende-se que a garota revela o desejo de identificação a um sujeito imaginário, que é ao mesmo tempo, como já salientamos, a causa do desejo (objeto a) e também o que falta (objeto do desejo) no imaginário. O espaço lacunar da perda familiar significa como busca pela identificação da criança-judia, faz parte do interdiscurso e rememora-se ao ser representada pela imagem da boneca. No lugar da família, está a boneca ocupando também, um lugar na contemporaneidade, pois, por mais que esqueçamos dos pais de Zofia, a boneca insiste em retornar como presença, alude aos que morreram, dando-lhes voz e sentido na memória da Shoah.

A dor da separação dos familiares foi narrativizada como a mais trágica das situações vividas pelas vítimas do nazismo, pois quem reagisse, perdia a vida imediatamente. Sobreviver a esse instante, como Zofia, foi o jeito de resistir e manter a esperança de se rever os entes queridos algum dia, a boneca em um processo metafórico representa isso, a resistência. A dolorosa rememoração da produção em série do extermínio industrial que caracterizou o Holocausto, oferece um exercício de memória e identidade, com reforço dos vínculos sanguíneos e familiares para as gerações seguintes.

O olhar que lançamos à boneca, não dá visibilidade apenas ao objeto em si, ou à informação de seus possíveis enunciados, mas se articula em uma memória discursiva para interpretar a materialidade, como parte do funcionamento da memória. O discurso é também o improvisado que aparece nas contingências da vida, é quando (PÊCHEUX, 1990, p.17), nos diz que existe uma correlação entre a maneira como o fato é percebido e a forma como esse discurso circula, dependendo dessa interpretação, leva-se à atualização ou não dos sentidos. De um lado temos a menina, separada dos pais e enviada ao campo de extermínio, mas que deixa



rastros de sua passagem pelos campos (a boneca) , de outro lado, a menina que chora a boneca perdida, para que no futuro esse objeto discursivo (a boneca resgatada) signifique a própria subjetividade de seu povo.

O que é visível aos olhos remete aos discursos que emanam de outras formações discursivas e os nossos gestos de leitura resultam no inacabamento, ou seja, na busca por uma verdade que não existe, uma vez que o objeto de análise é dual: imaginário X real, e desse modo, os efeitos de sentidos produzidos dessa relação, do discurso institucional do museu com nossos gestos interpretativos, ainda deixam vestígios para novas interpretações.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. (trad. Dora Flaksman) 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

GOMES, Fernanda Capri Raposo. Infâncias interrompidas: as crianças do Holocausto (1933-1945). In: **Congresso Interdisciplinar da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**, 7., 2018, Campo Grande: Editora Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2018. p. 1093-1103. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/viiconinter2018/109358-infancias-interrompidas--as-criancas-do-holocausto-1933-1945/>. Acesso em: 13 jun. 2023.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, Mercado de Letras, 2011.

LACAN, Jacques. **O seminário: livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Trad. de Marie Christine Lasnik et. al. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. 1. ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990. 476p.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA. **Memorial da Resistência: 10 anos**. São Paulo: Memorial da Resistência, 2021. Disponível em: https://memorialdaresistencia.org.br/wp-content/uploads/2021/03/LIVRO_Memorial-da-Resistencia-10-anos.pdf. Acesso em: 13 jun. 2023.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, Puc/Sp Projeto História, São Paulo, nº 10, p. 7-28, dezembro de 1993.

ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas: UNICAMP, 1997.



ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos.** Campinas/SP: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2004.

ORLANDI, Eni P. **Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico.** *Revista RUA.* Campinas, SP: v. 4, n. 1, p. 9-20, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Papel da memória.** In: ACHARD, P. et al. (Org.) *Papel da memória.* Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M.; FUCKS, M. L. C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.** 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 161-237.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e Educação.** Lisboa: Asa Editores, 2004.

SILVA, F. C. T.; SCHURSTER, K. A historiografia dos traumas coletivos e o Holocausto: desafios para o ensino da história do tempo presente. **Estudos Ibero-Americanos.** Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 744-772, maio-ago., 2016.

VENTURINI, Maria Cleci. *Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração.* Passo Fundo/RS: Editora da UPF, 2009.

VENTURINI, Maria Cleci. Museus e espaços públicos no encontro/desencontro da memória histórica e do corpo-memória/corpo documento. In: VENTURINI, M.C. (Org.) **Museus, arquivos e produção do conhecimento em (dis)curso.** Campinas, SP: Pontes Editores, p. 51-76, 2017.

VENTURINI, Maria Cleci. História e memória em (dis)curso: Fernando Catroga e a poética da ausência. **Revista Interfaces**, vol. 08, edição especial. Guarapuava/PR: editora da UNICENTRO, 2017a, p. 127-145. DOI: 10.5935/2179-0027.20170033.

VENTURINI, Maria Cleci. Museus e memoriais em (dis)curso para além da história e do patrimônio. **Diálogos Pertinentes, Revista Científica de Letras e Linguística.** Editora da Universidade de Franca. v. 18 n. 2 (2022). /DOI: <https://doi.org/10.26843/dp.v18i2.3818>

VEYNE, Paul. **Como se escreve história.** Trad. de Antônio José da Silva Moreira. Coimbra/PT: Edições 70- ed. Ver, (Lugar da História 20).

Sites consultados

“Hidden Children: Quest for Family.” **Encyclopedia of the Holocaust.** Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/hidden-children-quest-for-family>. Acesso em: 20 maio 2023.



"Doll from the Krakow Ghetto." **Encyclopedia of the Holocaust**. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/artifact/doll-from-the-krakow-ghetto>. Acesso em: 22 maio 2023.

Museu do Holocausto. **Memória - Acervo**. Disponível em: <https://www.museudoholocausto.org.br/memoria/acervo/>. Acesso em: 28 maio 2023.

"Children During the Holocaust." **Encyclopedia of the Holocaust**. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/children-during-the-holocaust>. Acesso em: 05 junho 2023.